

CAPOEIRA: DE LUTA MARGINALIZADA A PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO

Evelin Silva Gome¹
Luis Alberto Roque¹
Ulysses Meiwa Nakamura²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo narrar à transição da capoeira marginalizada para Patrimônio Cultural Brasileiro, traçando como se deu o processo de desmarginalização dessa luta, por meio de alguns depoimentos de renomados capoeiristas do Estado de Goiás. Assim, apresentando a capoeira como uma luta que desde o seu surgimento teve seu caráter marginalizado chegando até se tornar crime regido por lei, passando os negros por diversas provações, sofrendo perseguições no período da escravidão, repressões com a instituição da República. Entre estes e outros obstáculos o movimento teve que se manter como rebelde, mas por uma bela causa, o que antes era um uma prática movida por um grito de liberdade e para se defender frente aos maus tratos, se tornou uma luta para manter viva a cultura da sobrevivência.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira, Marginalização, Desmarginalização, Patrimônio Cultural

CAPOEIRA: FROM MARGINAL FIGHT TO BRAZILIAN CULTURAL HERITAGE

ABSTRACT: This article aims to describe the transition of “capoeira” from marginalized practice to Brazilian Cultural Heritage, tracing how was the process of demarginalization of this fight, through some testimonials of famous “capoeiristas” in the State of Goiás. Presenting “capoeira” as a fight that, since its appearance, was marginalized, even considered a crime in Law. The blacks passed various trials, suffering persecution in the period of slavery, and repression in the period of the Republic. Among these and other obstacles the “capoeira” movement had to remain as a rebel, but a beautiful cause, what was once a practice driven by a cry of freedom and to defend themselves against abuse, became a struggle to keep alive the culture of survival.

KEYWORDS: Capoeira, Marginalized, Demarginalization, Cultural Heritage

¹ Acadêmico do Curso de Educação Física da Faculdade União de Goyazes
² Professor Orientador da Faculdade União de Goyazes

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo narrar como se deu a transição da capoeira marginalizada para Patrimônio Cultural Brasileiro, a partir do processo de desmarginalização ao qual a luta foi submetida.

A capoeira desde seu surgimento teve sua origem muito discutida, por sua raiz negra. Por esta raiz a capoeira também foi por muitos anos marginalizada. A sociedade e os poderosos viam a capoeira como luta de malandro, coisa de negro, os quais eram considerados como raça inferior. A luta dos negros seguia seu curso sempre em meio as perseguições, repressões, proibições. Porém os capoeiras não desistiam de seus ideais. Enquanto alguns negros praticavam a capoeira para manter acesa a chama da cultura negra, e seu grito de liberdade, muitos outros queriam aprender a luta para usá-la de forma ilícita, o que aumentava o preconceito e a má interpretação que a sociedade tinha sobre esta prática (ZULU, 1995).

Vista a resistência que os capoeiras tinham, diante dos poderosos desde seu surgimento, com a instauração da república aumentou-se a perseguição a capoeira, buscando exterminar a modalidade, o Estado e demais poderes decidiram criminalizar a capoeira colocando-a no código penal na década de 1890, passando assim a ser um crime regido por lei. Mesmo diante da criminalização da capoeira, os seus praticantes não deixaram a luta ser exterminada. Negros, brancos, mestiços, praticavam a capoeira, mesmo que de forma clandestina e contra a vontade do Estado, contra a lei.

Na década de 1930, buscando apoio popular o então presidente Getúlio Vargas decide tirar a capoeira do código penal, legalizando a capoeira, porém com a ressalva de que a modalidade só poderia ser praticada em locais fechados com alvará de funcionamento expedido pela polícia.

Começa a nova era da capoeira, um novo período de luta, esta agora para desmarginalizar seu caráter diante da sociedade, do Estado e dos demais poderes.

Neste processo histórico a capoeira contou com a participação de grandes mestres que promoveram a evolução da luta, afim de que a mesma fosse inserida dentro da sociedade e adentrasse todas as camadas sociais. Dentre esses grandes mestres destacam-se mestre Bimba e mestre Pastinha,

criador da capoeira regional e grande mestre da capoeira angola, respectivamente. Pastinha e Bimba deram o início as transformações que a capoeira se submeteu para adentrar a sociedade. Os demais mestres de capoeiras vem até nos dias atuais lutando para que a capoeira evolua continuamente e seja a cada dia mais reconhecida. Comprova-se isto pelo fato da capoeira ter sido reconhecida como patrimônio imaterial brasileiro no ano de 2008, reconhecimento este, que garante apoio estatal ao bem reconhecido, neste caso a capoeira.

Assim o presente artigo cabe apresentar as principais transformações que a capoeira sofreu nesse período de transição de luta marginalizada a patrimônio imaterial, através de entrevistas com renomados capoeiristas do Estado de Goiás.

Ao considerar que as reflexões e materiais sobre este tema ainda são escassos, isso não inibe a construção de trabalhos. Ao contrário, incentiva a participação para a mudança desse quadro. Mais que um estudo científico, esse artigo tem também o intuito de convocar os atuais capoeiras a exercerem seu papel de cidadãos na proteção desse patrimônio imaterial, lutando pelos direitos concedidos à capoeira, não deixando que estudos sobre o então tema se findem.

2. CAPOEIRA: A HISTÓRIA

Quando os navios negreiros partiram do continente africano e cruzaram o Atlântico, uma história de muita dor aguardava os negros africanos em nosso país. Chegando em nossas terras os negros foram tratados de forma desumana, e não podendo dizer ao certo a partir de quando eles cansaram dos maus tratos e começaram a se rebelar diante das dolorosas situações em que viviam. Aos poucos se tornou frequente o ato de se rebelarem contra os capitães de mato. Muitas vezes, após os maus tratos sofridos os negros se refugiavam nas matas, formando assim os conhecidos quilombos, dentre eles se destacou o Quilombo dos Palmares, com a grande figura de Zumbi dos Palmares que tão bem representa a raça negra. Quando os escravos eram encontrados nos quilombos, eram cruelmente castigados e acredita-se que foi a partir disto, que se deu início aos grandes combates entre escravos e capitães de mato e que pode ter impulsionado os primeiros passos para o

surgimento da capoeira (ZULU,1995).

A capoeira é uma modalidade que tem sua origem muito discutida, estudiosos e autores se divergem quando se trata desse aspecto. Porém três correntes são defendidas quando se diz respeito a origem da modalidade, sendo estas a corrente africana, brasileira e afro brasileira. Sendo a última a mais defendida pelos estudiosos e a mais bem aceita no meio. Santos (1990) diz que a capoeira nasceu no Brasil através de um processo de junção de culturas em favor da liberdade humana da raça negra, que encontrava-se escravizada pelos dominantes da época do Brasil colônia.

A ligação da capoeira com os escravos não causa divergências quanto sua origem, exceto pelo fato de não ser possível maiores aprofundamentos nessa parte da história, pois a documentação que existia sobre a época da escravatura foi queimada a mando do ministro da Fazenda Ruy Barbosa, no governo de Deodoro da Fonseca. O referido ministro alegava que aquela terrível mancha da escravidão deveria ser apagada da história do Brasil (OLIVEIRA, 1989).

Considerados como inferiores os negros escravos sofriam severos castigos, e diante dos maus tratos sofridos começaram a se rebelar com seus senhores. Descobriram que podiam usar seu próprio corpo para se defender, utilizando assim a capoeira como arma de defesa. A capoeira surge no Brasil como ferramenta de luta pela conquista da liberdade (ZULU,1995).

Porém, essa luta precisava ser disfarçada para que os senhores não percebessem que se tratava de uma prática que poderia auxiliar os negros na ânsia de se libertar, tendo isso em vista que estes utilizavam de instrumentos para cadenciar a prática de capoeira. Assim, enganavam os senhores que acreditavam que aquela prática se tratava somente de uma dança proveniente da cultura negra que eles tanto repudiavam.

Desta maneira a capoeira crescia e fortalecia os negros envolta por sua musicalidade. Essa musicalidade interfere de várias formas na luta não somente em seu disfarce na época da repressão, mas essa cadência se faz presente também nos dias de hoje aumentando ainda mais a beleza e riqueza cultural da modalidade. Silva (2008) diz que, o canto e a musicalidade da capoeira colocam o indivíduo de frente com sua capacidade de expressão. Através da música o capoeira expressa diversos sentimentos, é também

através delas que se fazem referências a lugares, mestres, figuras lendárias relacionadas ao mundo da capoeira. Na roda de capoeira a música tem o papel de criar um clima de energia positiva, a fim de incentivar os capoeiristas.

Além dos cantos e da música, a capoeira conta com uma orquestra que dita seus compassos, isto desde seus primórdios. Esta é composta por berimbau, atabaque, pandeiro, agogô, reco reco, caxixi. Na roda de capoeira os instrumentos devem estar na ordem adotada pelo mestre. Na maioria das rodas respeita-se a tradição ditada pelos mestres de antigamente, valorizando assim o legado deixado pelos antigos mestres. O berimbau é considerado o rei da roda, seu som é facilmente encoberto pelos demais instrumentos da orquestra, porém os demais instrumentos devem obedecer a hierarquia que impõe o berimbau como rei, não ultrapassando o seu som, nem o seu ritmo.

A capoeira é dividida em três estilos mais conhecidos pela sociedade, sendo eles: Angola, Regional e Contemporânea. A capoeira angola trata-se de um jogo lento, cheio de malícia, tem forte ligação com o ritualístico e o misticismo que a cultura negra traz consigo. Dentre os grandes nomes desse estilo se destaca Mestre Pastinha que divulgou tão bem esse estilo e o fez crescer e ser praticado em vários cantos do mundo. Pastinha (1988, p. 28) afirma que a capoeira angola se assemelha a uma graciosa dança na qual a “ginga” maliciosa mostra a extraordinária flexibilidade dos capoeiristas. Mas capoeira Angola é antes de tudo luta, e luta violenta. Desse modo, vê-se que mesmo priorizando o misticismo e o ritualismo, Pastinha não descartava que a capoeira angola se tratava de uma luta violenta.

A capoeira regional trata-se de um jogo mais rápido, cheio de malícia, menos voltada para o ritualístico, engloba acrobacias, um jogo de combate. Mestre Bimba foi seu criador, negro baiano que muito contribuiu para a capoeira no Brasil e no mundo. Almeida (1994) relata, que Bimba utilizou-se de uma luta baiana já existente “Batuque” da qual seu pai era campeão, unindo-a com a capoeira angola e utilizando de sua criatividade para criar a Capoeira Regional.

Capoeira contemporânea é intitulada a capoeira dos dias atuais, a maioria dos grandes grupos que se denominavam regional adotaram este estilo de capoeira, que se volta para um jogo cheio de ataques e esquivas, rico em acrobacias, cujo o intuito não é agredir o adversário, mas fazer do jogo de

capoeira um verdadeiro show.

Tomada por tamanha beleza, pluralidade cultural, força, a capoeira seguiu sendo praticada pelos negros, considerados pela sociedade como raça inferior. A história dos negros que sonhavam com sua liberdade e eram castigados por praticar sua luta seguiu por longos anos, envolta por preconceitos, sangue, dor, mas também muitas alegrias e vitórias que depois de muito amargor foram conquistadas. Vitórias estas que levaram a capoeira a ser reconhecida como Patrimônio Imaterial Brasileiro.

3. PATRIMÔNIO CULTURAL

Para melhor leitura do artigo se faz necessário o entendimento de alguns termos, dentre eles patrimônio, cultura, patrimônio cultural e patrimônio cultural imaterial.

De acordo com o dicionário Aurélio (2004) da língua básica portuguesa:

Patrimônio *sm.* 1. Herança paterna. 2. Bens de família. 3. *P. ext.* Os bens, materiais ou não, de uma pessoa ou empresa. 4. Fig. Riqueza: patrimônio cultural.

Cultura *sf.* 1. Ato, efeito ou modo de cultivar. 2. O complexo de padrões do comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, etc., transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade. 3. O conjunto de conhecimentos adquiridos em determinado campo.

De acordo com o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), patrimônio cultural é o conjunto de bens de natureza material ou imaterial que devem ser resguardados, devido a sua relevância dentro da cultura de um povo. O patrimônio é algo do passado com o qual a humanidade vive nos dias atuais e deve deixar para as próximas gerações.

Segundo sítio do IPHAN, quando se aborda a terminologia patrimônio cultural logo traz a mente os tombamentos, restaurações, revitalizações. Porém, a partir da década de 1970, realizou-se uma reavaliação dos critérios do IPHAN para a preservação e salvaguarda do patrimônio. Chegou-se à conclusão que o patrimônio não era somente um grande monumento, partes da história que privilegiavam a elite, estendendo-se o reconhecimento de patrimônio às manifestações culturais de diversos grupos sociais. Assim o valor do patrimônio passava a não estar impresso somente em si, mas nas relações estabelecidas em um tempo e espaço dado, tendo assim uma idéia de

patrimônio imaterial.

Para o IPHAN, são considerados Bens Culturais de Natureza Imaterial as práticas e domínios da vida social, que tem sua manifestação em saberes, ofícios e modos de fazer, celebrações, formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares. O patrimônio imaterial é transmitido ao passar dos anos, de gerações a gerações, é constantemente recriado por comunidades e grupos, gerando uma visão de identidade e continuidade.

Com o esclarecimento da ideia de patrimônio cultural imaterial, acredita-se facilitar o entendimento do presente estudo, passando agora pela marginalização da capoeira e traçando sua linha de transição até seu reconhecimento como patrimônio imaterial brasileiro.

4. A MARGINALIZAÇÃO DA CAPOEIRA

Desde seu surgimento a capoeira foi repreendida pelos poderosos, dominantes, feitores, capitães de mato. A luta dos negros sofreu por ter sido marginalizada.

É importante salientar o significado de alguns termos associados a marginalização. De acordo com o dicionário Aurélio da língua portuguesa (2004) pode-se conceituar da seguinte forma:

Marginal *adj* 2g. **1.** Da margem (1 e 2), ou feito, escrito, desenhado nela. **2.** Que vive fora do âmbito da sociedade ou da lei, como vagabundo, mendigo ou delinquente. •s2g. **3.** Indivíduo marginal (2). [Sin. de 2 e 3: *fora-da-lei*. Pl.: *-nais*.]

Marginalizar *v.t.d.* **1.** Impedir que participe de uma sociedade, grupo, da vida pública, etc. *P.* **2.** Tornar-se marginal (3). [C.: 1]

A partir do entendimento de tais termos, temos como certo o caráter marginalizado ao qual a capoeira era associada, que foi anteriormente citado. Os capoeiras eram deixados à margem, impedidos de participar da sociedade, privados de uma vida pública como cidadãos normais, viviam fora do contexto social, eram vistos como povo fora da lei, raça de vagabundos, baderneiros.

A prática da capoeira se dava de forma clandestina, vista que a mesma era utilizada como uma arma para defesa, e uma poderosa luta, os senhores a coíbiavam fortemente e quem fosse surpreendido jogando capoeira era submetido a duros castigos (MELLO, 1996).

Porém, tamanho era o amor dos seus praticantes que mesmo diante de

fortes preconceitos, castigos, imposições de poderosos nunca deixaram a capoeira morrer, lutaram por acreditar na grandeza de sua arte.

Após o surgimento da capoeira nos quilombos, os negros começaram a praticá-la nas fazendas, terreiros e demais lugares que eles considerassem bons para sua prática. Todo negro que se tornava um bom capoeira era tomado pelo forte desejo de se vingar dos feitores. Quando os senhores de escravos perceberam que esta poderia ser uma arma de defesa começaram a reprimi-la fortemente. Quem fosse surpreendido praticando capoeira estaria sujeito a sofrer fortes torturas (ZULU, 1995).

Mesmo diante dos castigos os negros se recusavam a parar com a prática da capoeira, fugiam das fazendas para se alojar nos quilombos, onde os capitães de mato iam buscá-los e ocorriam duras batalhas resultando em várias mortes.

Assim seguiu a capoeira, marginalizada, mal vista pela sociedade, temida pela população, perseguida pelos poderosos. Capoeira e negros capoeiristas, deixados a margem e envoltos pelos preconceitos social, religioso e pela forte repressão dos poderosos e por fim do Estado.

4.1 Preconceito social

A sociedade tomada por preconceito deixava os capoeiras à margem, considerava-os como raça inferior, por causa de sua cor, cultura, classe social. Os negros eram discriminados pela forma que viviam, por suas crenças, dentre outros. A capoeira sendo uma prática realizada por negros escravos não estaria descartada desse preconceito que a sociedade empregava a tudo que se dizia respeito a cultura negra.

Diante ao tamanho preconceito social os negros que recebiam alforria ou eram fugitivos não conseguiam novos empregos, assim eram forçados a buscar formas de sobrevivência contrárias as formas lícitas. Os negros capoeiras se aglomeravam nos centros urbanos e tornavam-se vadios, capangas, salteadores, utilizando a capoeira como arma de sobrevivência (ZULU, 1995).

Mesmo após a abolição da escravatura os capoeiristas continuaram a ser perseguidos pela polícia e eram vistos pela sociedade com maus olhos,

muitos foram largados nas ruas sem emprego e a capoeira foi um dos meios que eles utilizaram para sobreviver (OLIVEIRA, 1989). A primeira alternativa de sobrevivência encontrada pelos capoeiras, foi realizar rodas abertas em praças em troca de esmolas, porém o dinheiro era pouco e não era suficiente pra dividir entre todos negros. Não encontrando apoio da sociedade, estes se viram obrigados a viver por meios ilícitos, alguns negros aguardavam nas portas dos mercados para assaltar, outros se uniram a partidos políticos, outros ainda se juntaram aos negros antes alforriados e fugitivos que já promoviam o terror na sociedade (ZULU, 1995).

Os negros seguiam buscando meios de sobreviver, mas nunca deixaram de praticar a capoeira. Encontrando-se libertos começaram a praticá-la aos olhos de toda sociedade que os julgavam e os temiam, pois os capoeiras estavam sempre envolvidos em brigas. A sociedade os recriminavam e a polícia não se cansava de os perseguir e lhes aplicar severos castigos. Capoeiras pegos praticando a modalidade apanhavam das autoridades, como não podiam ficar presos, eram levados para forças policiais e eram obrigados a prestar serviços para a mesma.

Pires (2004) relata que, nos lembra um dos piores castigos que os capoeiristas que fossem presos brigando eram submetidos, este castigo consistia em amarrar os punhos do capoeira em dois cavalos um paralelo ao outro. Os cavalos eram postos para correr em disparada até o quartel. O capoeira que não aguentasse acompanhar os passos dos cavalos na corrida eram arrastados pelo chão, e alguns morriam antes mesmos de chegar ao quartel. Alguns até diziam em tom de zombaria, que era melhor enfrentar a polícia e brigar perto do quartel, pois ocorreram muitos casos de morte quando os negros eram arrastados até o mesmo.

Os capoeiras eram considerados como os promotores da desordem, fato esse intrigante, já que estes por vezes eram convocados para promover a ordem em nossa pátria. Dias (2006) ressalta que em certos lugares os capoeiras estavam como os promotores da ordem, a favor da lei, e em muitos outros estavam no lugar dos que sofriam o peso da lei.

Um dos fatos comprobatórios dos capoeiras como promotores da ordem foi a guerra do Brasil contra o Paraguai em 1865, na qual o Batalhão de Zuavos era composto por negros capoeiras que em troca receberam a

promessa da tão sonhada alforria, que por muitas vezes não eram cumpridas. Outro fato foi a criação da Guarda Negra, criada após a abolição da escravatura para proteger a Família Real em especial a princesa Isabel, guarda esta formada por capoeiras (VIEIRA, 1995).

Porém, quando era preciso pesar as mãos sobre os capoeiras e promover repressões e castigos não mediam esforços e toda prestação de serviços a favor da pátria era esquecida e os negros passavam a serem vistos novamente como unicamente promotores da desordem.

Além do preconceito social sobre os capoeiras em virtude de sua raça, sua cultura, um outro forte preconceito rodeava a capoeira, o preconceito religioso. Este, advindo da não aceitação da sociedade diante as crenças dos negros em seus deuses.

4.2 Preconceito religioso

Em um período em que a Igreja exercia fortes influências nas políticas de nossa pátria, a capoeira se encontrava à margem, limitada ao preconceito da sociedade, as repressões policiais, ao preconceito das classes mais favorecidas, da burguesia.

Não bastando o preconceito social ao qual a capoeira era submetida desde seu surgimento, um outro a rondava, fazendo com que a sociedade a recriminasse ainda mais. Esse preconceito que assolava a vida dos capoeiras era o preconceito religioso. Aos olhos da sociedade os capoeiristas eram vistos como feiticeiros, e os poderosos insistiam em reforçar tal pensamento para que o preconceito da sociedade aumentasse em relação a eles.

Este se fez presente desde a chegada dos negros no Brasil, os mesmos desembarcaram em nossa pátria carregados de culturas, crenças, rituais, religiões, deuses de seu lugar de origem. Sendo assim eram considerados como uma raça amaldiçoada por não vivenciar o catolicismo, que até então era a religião dominante em nosso país.

Anchieta (1995) Afirma que em 1441, iniciou-se o processo de escravização dos negros africanos, também relata que foi o Papa Eugênio IV que interpretou a Bíblia de forma que apontava os negros africanos como descendentes de Cã, o amaldiçoado filho de Noé, com isso oficializou uma

licença para que Portugal lançasse no cativeiro africanos de todas origens, tornando-os predestinados a viver os sofrimentos da escravidão.

Nota-se por esse fato o grande poder que a igreja exercia na política e na sociedade em geral, defendendo sua verdade como única, receando que alguma crença ameaçasse sua soberania. Fator que agravava ainda mais o preconceito religioso em relação aos negros, é que a religião predominante entre eles era o Candomblé. Por esta razão os negros passaram a ser vistos como feiticeiros, representando perigo para os senhores, e para a sociedade em geral.

Dias (2006) que “no tempo da escravidão, mandinga ou feitiço eram práticas mágicas dos escravos, em especial os preparos de ervas e venenos usados pelos negros para matar seus senhores”. Isso aumentava o temor e o preconceito da sociedade diante dos negros e a mesma os recriminava ainda mais e repudiava suas crenças, os deixando mais à margem da sociedade considerada de bem.

Assim os negros eram julgados por suas crenças religiosas e a capoeira juntamente com eles era jogada na lama, pois a sociedade acreditava que a capoeira seria um ritual religioso pelo fato de em seus primórdios a luta ser praticada nos terreiros de Candomblé e ter em sua orquestra o atabaque, que a sociedade acreditava ser usado para invocar os deuses do coração da África, e por ser muito utilizado no Candomblé. Porém a luta dos negros era jogada nos terreiros porque era ali o lugar onde os mesmos se encontravam para suas práticas religiosas, mas também para confraternizarem e lembrarem de sua terra, eles encontravam na capoeira uma forma de se divertir, festejar e interagir.

Por longos anos a capoeira arrastou as correntes de um forte preconceito religiosos que a rodeava, não por sua realidade, mas a ignorância cultural da sociedade da época, que via nela um ritual religioso e não uma expressão cultural. Muito desse preconceito foi quebrado, tendo em vista a contribuição de grandes mestres que procuraram esclarecer que os negros tinham sua religião, porém a capoeira nada tinha haver com religiosidade, mas que a mesma era sim uma forma de expressar seu amargor, suas lutas diárias para sobrevivência, e até mesmo suas vitórias e conquistas.

Nos dias atuais com a ampliação cultural esse preconceito encontra-se

quase extinto, exceto por algumas denominações religiosas que insistem em viver na ignorância e não abrir suas mentes para o grito cultural que ecoa na prática da capoeira.

4.3- Repressão do Estado

Mesmo diante das fortes perseguições e castigos dispensados aos capoeiras, os negros não se deixaram abater e não desistiram da capoeira. Sua prática continuava crescente entre os ex-escravos e menos favorecidos, e algumas pessoas das classes mais favorecidas começavam a adentrar o mundo da capoeira, o que aumentou a perseguição do Estado e da polícia sobre a mesma.

Para manter viva a cultura da capoeira, os seus praticantes desafiavam a vigilância que eles sofriam e enfrentamentos com policiais e autoridades eram constantes no Rio de Janeiro (SOARES, 1994).

Por muitas vezes os capoeiras travavam brigas com a polícia por continuarem praticando a capoeira, estas batalhas terminavam em graves ferimentos e até mesmo mortes, sempre com o mesmo final os capoeiras sempre acabavam sendo punidos pelas autoridades com os castigos que lhes eram dispensados.

No entanto, a capoeira já havia conquistado alguns admiradores que faziam parte da burguesia, das classes mais favorecidas, porém essa admiração era às escuras, ou seja, tinha de ser oculta, pois o preconceito era forte sobre quem a praticasse e quem a apoiava, e isso não era diferente quando se tratava de pessoas públicas, ou de grande poder aquisitivo.

Além disso, os capoeiras eram vistos como pessoas de forte influência, e isso causava medo nos grandes poderes. Temendo que os capoeiras fizessem represálias, e alcançassem ainda mais apoio das classes mais favorecidas, o Estado se sentiu ameaçado pela prática desta luta.

Como os castigos aplicados a quem praticasse capoeira não combatiam sua prática, o Estado intensificou a repressão sobre a modalidade. Assim, obtendo apoio das classes mais favorecidas, burguesia e demais poderes, o Estado juntamente com o judiciário decidiram criminalizar a capoeira, colocando-a no Código Penal, vindo nesta decisão a solução que

daria fim a prática da mesma.

4.3.1 Lei de Proibição da Capoeira

Como anteriormente mencionado mesmo com a abolição da escravidão e a instauração da República, a capoeira não deixou de ser perseguida, mesmo diante as perseguições os capoeiras se mantinham firmes frente os castigos aos quais a polícia os submetia. Para os capoeiristas o que importava era manter a chama da capoeira acesa.

Tendo conhecimento da resistência dos capoeiras e sem saber como extinguir o movimento, o Estado apoiado pela polícia decidiu que a prática da capoeira deveria ser criminalizada, vendo nessa decisão o fim da prática da capoeira. Assim, em 1890 a capoeira passou a fazer parte do Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil (Decreto N.847 – de 11 de outubro de 1890), os artigos 402, 403 e 404 diziam:

Dos Vadios e capoeiras

Artigo 402 – Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem, andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal; Pena de prisão celular por dois a seis meses.

A pena é a do artigo 96, parágrafo único – É considerado circunstância agravante pertencer o capoeira a algum banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se imporá o dobro.

Artigo 403 – No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena do artigo 400.

Parágrafo único. Se for estrangeiro, será deportado, depois de cumprir a pena.

Artigo 404 – Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranquilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes.

Como pode-se notar, o capoeirista era perseguido e impedido pela lei de praticar a capoeira. No entanto, mesmo com a instauração da mencionada lei, muitos capoeiras continuaram sua arte porém, de forma clandestina. E como o objetivo que levou a instauração de tal lei, não foi alcançado, os capoeiras continuavam praticando sua luta pois, muitos não faziam questão de esconder, o que resultou em um elevado número de prisões, principalmente no

Rio de Janeiro como relata alguns estudos sobre essa temática (SOARES, 1994). Assim a capoeira seguiu seu curso com seu caráter de resistência diante as proibições que o Estado lhe fazia.

Após longos anos sendo criminalizada, na década de 1930, o então presidente Getúlio Vargas visando ganhar apoio popular e objetivando a integração do país, retira a capoeira do código penal. Vista que o mencionado presidente via o forte poder de influência que o movimento da capoeira trazia consigo. Após retirar a capoeira do código penal, Getúlio Vargas permitiu sua prática em locais fechados, desde que os locais tivessem o alvará de permissão de funcionamento expedido pela polícia (VIEIRA, 1995).

Começa então uma nova era da capoeira, ainda marginalizada pela sociedade, porém com uma nova esperança. Os olhos dos capoeiras começam a se voltar para uma nova forma de praticar a luta, visando a sua aprovação pela sociedade, e sua desmarginalização diante do Estado.

5. DESMARGINALIZAÇÃO DA CAPOEIRA

Após ter sido retirada do código penal a capoeira ainda sofria, arrastando as correntes de seu passado marginalizado. Então se fazia necessária uma transformação da luta diante a visão da sociedade que ainda trazia consigo enormes preconceitos referentes a modalidade.

Começava assim, uma nova batalha para os capoeiras. Diferentemente das lutas de resistência que a capoeira enfrentou desde seu surgimento, desta vez não se tratava de derramar sangue para vencer. Fez-se necessária uma luta cultural, os capoeiras tinham frente a si um novo desafio, que consistia em mostrar a luta que foi por longo período marginalizada, como arte a ser admirada, como cultura a ser respeitada e aceita pela sociedade, Estado e demais poderes.

A participação dos grandes mestres no processo de desmarginalização da capoeira foi de grande relevância.

Para muitos capoeiristas as primeiras transformações para evolução da capoeira estão ligadas a luta de mestre Bimba para introduzir a capoeira nas aulas de educação física na década de 1930. Com a abertura da academia de

Mestre Bimba, a capoeira começa a adentrar a classe média e a burguesia de Salvador. Anteriormente a capoeira era praticada em sua maioria por africanos e afro descendentes e classes desfavorecidas, o que aumentava o preconceito sobre a modalidade (CAPOEIRA, 1998).

O mencionado mestre sentia a necessidade de elevar o valor atribuído à capoeira pela sociedade, e fez várias transformações nesse sentido. Dentre elas, retirou o atabaque da orquestra, pois este era muito associado ao candomblé e causava um maior preconceito religioso. Bimba sistematizou seu método de ensino, criando assim alguns golpes, conhecido como sequência de Bimba. Ele também desenvolveu uma cerimônia de formatura nos moldes acadêmicos, atraindo assim a classe alta e a burguesia para a capoeira. Outro contribuição de Bimba foi a apresentação que o referenciado mestre fez para Getúlio Vargas no dia 23 de junho de 1953 no Palácio da Aclamação na Bahia, o então presidente do Brasil encantado com a luta, afirmou que a capoeira era a única contribuição autenticamente brasileira à Educação Física e que ela por sua origem devia ser considerada Luta Nacional Brasileira (DEPUTADO, 2011).

Bimba estabeleceu a ideia da capoeira ser praticada em locais fechados com horários pré-determinados, trazendo assim um caráter de organização, e atraindo as camadas sociais mais favorecidas (FALCÃO, 1996).

Já mestre Pastinha em seu livro “Capoeira Angola” afirma que, acreditava não estar longe o dia em que a capoeira seria procurada por uma legião de pessoas, não por seu caráter de defesa pessoal, mas sim, para manter um perfeito estado físico e prolongar a juventude (PASTINHA, 1968). Pastinha já visionava a expansão da capoeira e conhecia os benefícios que a luta trazia não somente para defesa, mas para o bem estar físico e mental.

Pires (2002) relata que, dentro de suas academias os grandes mestres incluíam regras para que a capoeira fosse deixando o caráter de marginalidade, dentre elas muitas estavam ligadas a não usar a capoeira como arma, não promover desordem, brigas, utilizá-la como arma somente em legítima defesa.

Em 1952, foi redigido o estatuto do Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), no qual Paulo Santos Silva, um de seus idealizadores deixou registrado em seu discurso as regras básicas do CECA que diz que:

A base fundamental do nosso centro é a boa conduta. Educação social, solidariedade humana e, sobretudo, a prática do bem, não usando a arma poderosa que é a capoeira, a não ser em legítima defesa ou em função da pátria (PIRES, 2002).

Diante do relato referido, nota-se a preocupação dos grandes mestres em voltar a capoeira para o bem da sociedade e apagar toda marca do passado marginalizado.

Conhecidas algumas das principais contribuições dos grandes mestres do passado, notou-se a necessidade de ver como se deu o processo de desmarginalização da capoeira sob o ponto de vista dos capoeiras dos dias atuais.

6. CAPOEIRA: A VISÃO DA CONTEMPORANEIDADE

As contribuições acima citadas são unanimidade na opinião dos atuais mestres e professores, porém se faz necessário elencar diversos acontecimentos no universo da capoeira que se deram também após a morte dos grandes mestres do passado.

Mestre Senzala e Mestre Falcão em entrevista¹ concedida defende que a capoeira foi deixando o caráter de marginalidade através de sua inserção nas escolas, universidades, trabalhando na formação e construção do caráter dos jovens, também destaca o fato da capoeira ter ido para o exterior, o que também foi elencado pelo professor Crocodilo em sua entrevista.

Contramestre Moçambique e monitora Morena em entrevista, destacam o caráter social que a capoeira adotou como um dos fatores que influenciaram em seu processo de desmarginalização. Moçambique ainda acrescenta colocando como primordial a organização da capoeira, a qual os grandes mestres e professores são responsáveis. O referido contramestre ainda menciona que a capoeira contemporânea vem a cada dia mais ajudando nesse processo de conscientização da sociedade diante da capoeira, pois segundo ele, ao contrário do que muitos dos antigos mestres insistem em dizer, a capoeira contemporânea não descaracterizou a modalidade.

1- Todas entrevistas mencionadas no presente artigo foram concedidas por mestres, professores ou monitores de capoeira aos acadêmicos entre os meses de outubro e novembro com fins de referencial

A intitulada capoeira contemporânea está em constante processo de evolução. Moçambique ainda afirma que mestre Bimba iniciou a evolução da capoeira e a capoeira contemporânea está dando continuidade. Sendo esse estilo bem aceito e com forte crescente na sociedade. O referido contra mestre também salienta sobre o embasamento científico ao qual a capoeira vem sendo submetida, mencionado que nos dias atuais a capoeira tem suas técnicas e conhecimentos, e os repassa com a intenção de formar cidadãos de bem.

O fato da capoeira atingir os países do exterior como anteriormente mencionado de acordo com entrevista de mestre Senzala, mestre Falcão e professor Crocodilo, muito contribuiu para a desmarginalização da modalidade, como também para seu reconhecimento como patrimônio cultural imaterial.

Na Bahia com o turismo em alta, o governo realizava shows culturais, neles era apresentadas as riquezas do folclore brasileiro, dentre eles a capoeira, porém não em um formato de luta, a referida modalidade era praticada como uma forma de show verdadeiramente, onde os capoeiras jogavam rápido, distantes e era um jogo repleto de acrobacias, notando como esse show da capoeira agradava e chamava atenção dos turistas, os mestres desse período começaram a objetivar esse estilo de capoeira, recebendo convites para ir para o exterior. Em primeiro contato, os mestres trabalhavam a capoeira como show, conquistando assim os estrangeiros, depois começaram a desenvolvê-la no exterior como esporte e cultura.

Nota-se que o processo de desmarginalização da capoeira teve forte influência dos grandes mestres, e nos dias atuais tem o apoio dos atuais mestres e professores para que a modalidade seja sempre bem vista pela sociedade.

Conhecendo melhor como se deu o processo de desmarginalização da capoeira, pode-se entender como a modalidade teve que passar por diversas transformações, ou seja, ser desmarginalizada, vir com uma nova roupagem, evoluir com o passar dos anos para ser reconhecida como patrimônio cultural imaterial.

7. CAPOEIRA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL BRASILEIRO

Diante das transformações às quais a capoeira foi submetida em seu processo de desmarginalização, que muito contribuiu para seu reconhecimento como patrimônio cultural, ocorre um fato importante e bastante decisivo no que diz respeito à patrimonialização da capoeira. Foi o acontecimento no dia 19 de agosto de 2004, quando o Ministro da Cultura Gilberto Gil, em evento na sede da ONU (Organização das Nações Unidas) em Genebra, na ocasião de um ano de falecimento do diplomata Sérgio Vieira de Mello e outras 22 pessoas, vítimas de atentado que ocorreu na sede da ONU em Bagdá, Iraque, levou consigo um grupo de 15 capoeiristas do Brasil e do mundo e propôs realizarem uma roda de capoeira em favor da paz, e como forma de estabelecer o diálogo entre diferentes povos. Isso causou uma imensa repercussão simbólica e reconhecimento pelo Estado da importância que a capoeira tem como “instrumento de representatividade do Brasil diante os demais povos” e como “uma forma do Brasil contribuir para o imaginário do mundo (GIL, 2004)”.

De acordo com IPHAN, aproveitando a oportunidade o Ministro anunciou a futura criação de um Programa Brasileiro e Mundial da Capoeira. As propostas preliminares deste Programa incluíam seis pontos:

- Construção de um calendário anual, nacional e internacional da capoeira;
- Criação de um Centro de Referência, em Salvador, como espaço de pesquisa, documentação e atividades ligadas à capoeira;
- Criação de um programa a ser implementado em todas escolas do Brasil pelo Ministério da Educação, considerando a capoeira como prática cultural e artística, e não apenas como prática desportiva;
- Criação de uma previdência específica para capoeiristas e artistas em geral;
- Oferecimento de apoio diplomático aos capoeiristas que vivem no exterior, considerando-os como embaixadores da cultura brasileira, e reconhecimento do notório saber dos mestres;
- Lançamento de editais de fomento para projetos que usem a capoeira como instrumento da cidadania e inclusão social.

Algumas dessas propostas começaram a ser executadas, a exemplo disto, o Projeto Capoeira Viva, iniciado em 2006, que pretende motivar através

de concessão de prêmios de incentivo, a sistematização de documentos a produção de trabalhos científicos sobre a capoeira e sua divulgação por diversas vias, a criação e consolidação de centros de referência de capoeira, e o apoio a projetos sócio educativos que visam a elevação da autoestima e o reconhecimento da ancestralidade negra e sua forte influência na cultura brasileira.

Outras propostas que foram lançadas no encontro em Genebra, como o plano de previdência para velhos mestres, concessão de passaporte diplomático, ainda não foram efetivadas, porém constituem algumas das recomendações do plano de salvaguarda do ofício de Mestre de capoeira, como se verá adiante.

A importância social da capoeira como patrimônio cultural se evidencia pelo apoio dos mestres nos encontros promovidos pelo IPHAN e pela coordenação de pesquisa no Rio de Janeiro, em 3 de setembro de 2006 e em 16 e 17 de agosto de 2007, Salvador, em 11 de dezembro de 2006, Recife, em 15 e 16 de julho de 2007, tendo como título “Capoeira como Patrimônio Imaterial do Brasil”, com intuito de debater com os agentes depositários em que implicaria o registro, adicionar suas sugestões e principalmente identificar suas demandas para inserir nas recomendações de salvaguarda, as quais serão à frente referidas.

Segundo mestre Deputado em entrevista concedida, a capoeira sempre foi um movimento de resistência do sistema, por isso ela sobreviveu, ela independe, ela é inerente, e por isso conseguiu lutar até chegar a ser reconhecida como patrimônio imaterial.

Em entrevista mestre Senzala, professor Crocodilo, mestre Deputado e mestre Falcã são concordantes quando afirmam que a capoeira indo para o exterior contribuiu para seu reconhecimento como patrimônio cultural.

Deputado também acrescenta que, a patrimonialização da capoeira se deve ao movimento e a internacionalização da mesma e acrescenta que, a capoeira é a embaixadora da cultura brasileira, é a universidade da língua brasileira, fora do país, pois onde tem capoeira serão encontradas pessoas, indivíduos falando e cantando em português.

Diante da evolução da capoeira e sua representatividade dentro e fora do país, a mesma merecia ser reconhecida como patrimônio imaterial do Brasil.

Após muita luta, transformações, anos de sofrimento, perseguições e repressões a capoeira tem seu merecido reconhecimento como patrimônio cultural imaterial brasileiro.

De acordo com o sítio do IPHAN, no dia 15 de julho de 2008 a capoeira é reconhecida como patrimônio imaterial do Brasil. O registro contemplou a capoeira como um todo, englobando as modalidades Angola e Regional. O ofício dos mestres da capoeira foi incluído no Livro dos Saberes e a roda de capoeira integrou o Livro das Formas de Expressão. Dentre as ações contidas no Plano Salvaguarda da Capoeira, pode-se destacar:

- O reconhecimento do notório saber dos mestres de capoeira pelo Ministério da Educação;
- Um plano de previdência especial para os velhos mestres de capoeira;
- O estabelecimento de um programa de incentivo da capoeira pelo mundo.

Apesar destas disposições, infelizmente não se cumprem de forma correta os benefícios prometidos aos capoeiras após seu reconhecimento como patrimônio cultural.

O plano de preservação é uma consequência do registro que traz consigo suportes para a capoeira e nem sempre é respeitado. Deste modo, vale ressaltar a importância de não se deixar findar os estudos sobre o presente tema, assim como estudos sobre os direitos dos capoeiras diante tal reconhecimento, podendo assim ser dado o merecido e verdadeiro reconhecimento e apoio aos capoeiras.

8. METODOLOGIA

Para a realização do presente artigo foi utilizada tanto a pesquisa bibliográfica quanto a pesquisa descritiva, a fim de levantar o histórico da capoeira desde seus primórdios, até os dias atuais e a pesquisa de campo em razão da escassez de literatura sobre a transição da capoeira. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade União de Goyazes através do protocolo 072/2013-2.

A pesquisa contou com a contribuição de renomados capoeiristas do

Estado de Goiás durante os meses de setembro, outubro e novembro do ano de 2013. Apesar da dificuldade de adequar a pesquisa à agenda dos mestres e professores, devido às constantes participações em campeonatos e eventos, alguns mestres ficaram fora da pesquisa, como por exemplo mestre Onça Negra e mestre Sabú. No entanto, a quantidade de participantes foi satisfatória para a conclusão da pesquisa. Foram realizadas entrevistas para enriquecer o trabalho e aplicado um questionário composto por nove questões fechadas, conforme anexo.

Dentre os participantes podemos citar os mestres Pança (Presidente da Federação Goiana de Capoeira), Deputado (aluno formado por mestre Bimba), Falcão (professor titular da Universidade Federal de Goiás) e Senzala (Grupo Gamboa). Contou-se ainda com a participação do contramestre Moçambique, do professor Crocodilo e da monitora Morena.

9. CONCLUSÃO

Desde seu surgimento a capoeira se destaca por seu caráter de resistência frente as represálias, repressões, perseguições e proibições as quais foi submetida. Resistência esta que de início impulsionava os capoeiras a agir de forma violenta e com o passar dos anos levava os praticantes do desporto referido a lutar pela elevação da capoeira enfatizando seus benefícios e sua riqueza cultural diante de toda sociedade.

Após longos anos de luta a capoeira recebeu seu maior reconhecimento em relação a sua riqueza cultural e representatividade brasileira. Em 2008, a modalidade recebe o título de patrimônio cultural brasileiro. E novamente a capoeira é reconhecida diante da sociedade por seu próprio mérito, pois o reconhecimento dela como bem cultural não se deve somente à atenção do Estado, mas sim pela luta do próprio movimento.

Assim, no presente estudo fica claro o quão a capoeira foi marginalizada antes do referido reconhecimento cultural, com clareza nota-se que se fez necessário um período de transição para tal elevação como bem cultural brasileiro. Transição esta que é a idéia central desse artigo.

Constata-se de forma clara que a mencionada transição se deu através do processo de desmarginalização que a capoeira teve de se submeter após ter sua prática legalizada. No mencionado processo destacam-se dois fatores

de relevância para a capoeira desmarginalizar seu caráter a reorganização das metodologias e algumas filosofias da modalidade e sua expansão para o exterior.

Conclui-se então, que o processo de transição da capoeira marginalizada para patrimônio cultural se deu através de um novo modelo de organização que visava educar os cidadãos, trabalhando na formação de caráter de jovens através de projetos sociais, e sua expansão através dos shows de capoeira no exterior, e que levam até os dias atuais a cultura e a língua brasileira por todo mundo. Assim vale salientar a importância de que os estudos sobre o presente tema não se findem, para que os benefícios legais de direito da capoeira através de seu reconhecimento como bem cultural sejam defendidos.

10. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Raimundo César Alves de. **A saga do mestre bimba**. Salvador: Ginga Associação de capoeira, 1994.

ANCHIETA, J. **Ginástica afro-aeróbica**. Rio de Janeiro: Shape Editora, 1995.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: pequeno manual do jogador**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

DEPUTADO, Mestre. **Menino, quem foi seu mestre**. Goiânia: Edição do autor, 2011.

DIAS, A. A. Mandinga, **Manha & Malícia: uma história sobre os capoeiristas na capital da Bahia (1910 – 1925)**. Salvador: EDUFBA, 2006.

FALCÃO, J. L. C. **A escolarização da capoeira**. Brasília – DF, ASEFE – Royal Court, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 6. ed. Rev. Amp. - Curitiba: Posigraf, 2004.

MELLO, André da Silva. **Esse nego é o diabo, ele é capoeira ou da motricidade brasileira.** Revista Discorpo, São Paulo, n. 6 p. 29-39, 1996.

OLIVEIRA, José.L. **A capoeira angola na Bahia.** Salvador: EGBA; Fundação das Artes, 1989.

PASTINHA, V.F. **Capoeira Angola por Mestre Pastinha.** Salvador: Edição do autor, 1968.

PIRES, A.L.C.S. **A Capoeira na Bahia de todos os Santos – um estudo sobre a cultura e classes trabalhadoras (1890 – 1937).** Tocantins/Goiânia: NEAB/Grafset, 2004.

PIRES, A.L.C.S. **Bimba, Pastinha e Besouro Mangangá: três personagens da capoeira baiana.** Tocantins/Goiânia: NEAB/Grafset, 2002.

SANTOS, Luiz Silva. **Educação, Educação Física, capoeira.** Maringá: Imprensa Universitária, 1990.

SILVA, G.O. , HEINE, V. **Capoeira: um instrumento psicomotor para a cidadania.** São Paulo: Phorte, 2008.

SOARES, C.E.L. **A Negregada Instituição: os capoeiristas no Rio de Janeiro 1850 – 1890.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

VIEIRA, L.R. **O Jogo da Capoeira: corpo e cultura popular no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1995.

ZULU, Mestre. **Idiopraxis de Capoeira.** Brasília: Edição do autor, 1995.

IPHAN. **Patrimônio Cultural.** Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=20&sigla=PatrimonioCultural&retorno=paginalphan>>. Acesso em: 23 de agosto de 2013.

IPHAN. **Patrimônio Imaterial.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginalphan>>. Acesso em: 23 de agosto de 2013.

GIL, Gilberto. **Ministro da Cultura, Gilberto Gil, na homenagem a Sergio Vieira de Mello.** Genebra, 2004. Disponível em: < <http://www2.cultura.gov.br/site/2004/08/19/ministro-da-cultura-gilberto-gil-na-homenagem-a-sergio-vieira-de-mello/>> Acesso em: 23 de agosto de 2013.

ANEXO

QUESTIONÁRIO

Nome: _____

Nome de Batismo: _____

Graduação: _____

Grupo: _____

Tempo de pratica: _____

1) Conhece a fundo a história da capoeira (passado e atualidade) ?

SIM NÃO

2) Considera que o passado da capoeira foi marginalizado?

SIM NÃO

3) Se considerar que houve marginalização, quais os possíveis motivos?

Preconceito racial

Preconceito social

Grau de Escolaridade

Religiosidade pela qual era associada

Outros

4) Tem conhecimento da proibição da pratica da capoeira?

SIM NÃO

5) Acredita que o preconceito sobre a capoeira conseguiu ser totalmente vencido?

SIM NÃO

6) Tem conhecimento da Capoeira como Patrimônio Cultural Brasileiro?

SIM NÃO

7) Conhece algum registro, bibliografia, que narre a transição da capoeira marginalizada para Patrimônio Cultural Brasileiro?

SIM NÃO

Em caso de resposta positiva, quais?

8) Quais fatores foram determinantes para tamanho crescimento da capoeira a ponto de ser reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro?

Entrada em academias como qualidade de vida e estética

Projetos sociais

Aulas nas escolas

Expansão dos grandes grupos pelos estados brasileiros

Capacidade de promover o intercâmbio entre pessoas de diferentes raças, classes sociais, crenças

Maior grau de instrução escolar e conhecimentos gerais dos professores

Outros _____

9) A que se deve o título de Patrimônio Cultural Brasileiro concedido à Capoeira?

As vitórias sobre as lutas e injustiças sofridas

A sua musicalidade

A ritmicidade

Riqueza de expressão corporal

Pluralidade cultural